

“Identidades”

*“Uma vez que se tenha encontrado
a si mesmo,
é preciso saber,
de tempo em tempo,
perder-se e
depois reencontrar-se”.*

Nietzsche

Sentiu um cheiro forte de éter. Olhou ao redor: todos quietos e hipnotizados pelas quinhentas e tantas linhas que formavam a imagem na televisão. Alguém lhe dissera que eram quinhentas e... não importava, sentia um cheiro que não vinha daquele lugar. Na sala estavam os quatro: ela, as crianças e o marido. O homem dos olhos próximos, próximos demais, pensou. E sentia um estranho prazer ao concentrar a visão naquele retrato sobre a mesinha central: o retrato de casamento. Forçou, forçou tanto os olhos até que a fotografia começasse a embaralhar-se. Embaçou a vista. Da foto nasciam pontinhos coloridos se dispersando feito nuvens. Nuvenzinhas de março corporificando imagens incessantes, que mal chegavam a concretizar-se e logo se transformavam em outras. Outras mais, outras muitas. Todas rodopiantes, eufóricas e bbestas. Um salto rápido, uma corrida de girassóis em terreno descampado. Uma menina ligeira de outras épocas, uma vertigem, uma assombração. Uma... não aquele som de tv não condizia com o seu momento de catadora de cacós. Aquele mundo de sala, já o sabia decor.

— Vou dar uma volta.

Um murmúrio que se perdeu nas paredes, pairou no ar, perpassou pelos ouvidos daqueles, daqueles ... sonâmbulos de olhos abertos. Arrependeu-se da comparação e mirou-se no espelho do corredor. Não teve coragem de aprofundar a visão e num ímpeto abriu a porta. Talvez mais tarde sentirão a minha ausência, confortou-se. O cheiro de éter aumentava e ia pouco a pouco se transformando numa estranha melodia. Ela prosseguia, como quem buscasse renovar a seiva do corpo.

Quando abriu os olhos, estava num camarim repleto de flores. Sim, sim, era bom que gostassem dela. Mas aquelas esculturas emplumadas, sentadas e de semblantes fixos, será que estavam querendo ... será que querem sugar a minha energia? Lembrou-se dos corpos semi-estáticos, orgulhosos do impacto das próprias palmas, do débil movimento de vaivém das mãos. Teve nojo. Ao seulado, o maquiador cochilava.

— Será que o senhor pode me dizer o que eu faço aqui?

— Representa. Então se esqueceu de que é uma grande atriz?!

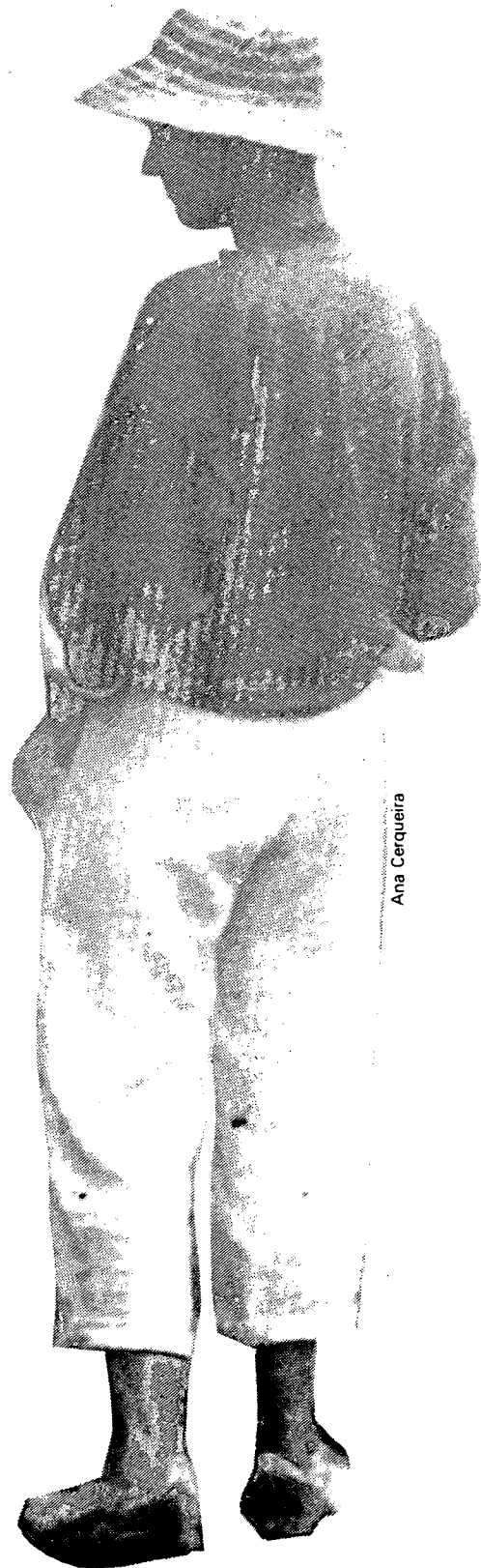
— Me lembrou vagamente ... me lembro vagamente de uma cena que representava com perfeição, mas já não posso mais captar o seu sentido, ligar as palavras. Eu a sabia decor, agora ...

Entrou numa rua escura e o teatro foi se desvanecendo na memória. A realidade era aquela, a rua parecia respirar descompassadamente como uma criança recém-nascida num mundo sem história. Aquela rua escura e comprida era agora o seu prolongamento. Os dedos nunca tocariam o final do corpo, ela sabia. O homem na esquina seria aquele que poderia ser.

Agora dançavam num ritmo eterno, dois lobos famintos repetindo o ato sempre novo. O tamborilar do relógio cessava e o mundo era a matéria entrando e saindo, entrando e saindo. O paraíso em todos os seres. Perfeita sintonia. Os novos e os velhos numa única idade, num único corpo, explodindo de gozo. Um pasto verde de puras e cúmplices indecências. Aos poucos, a figura do homem ia novamente se formando nos seus olhos convalescentes. O único homem. Ele sorria um sorriso que ela já conhecia. Quantos anos estivera naquela cama? Não sabia ... não sabia de nada antes dele e de nada depois. Despediu-se tranqüilamente.

Os pontinhos do retrato outra vez se uniformizavam. Lá estavam os quatro, a sala com cheiro de cera. Tentou lembrar-se por lembrar. Só que lá dentro havia um deus-monstro selecionando o que queria. Esqueceu-se. Será que notaram a minha ausência? Mas o homem que estava perto já não era o mesmo, havia rugas sulcando a sua testa e os olhos ... os olhos estavam distantes demais. Sentiu vontade de beijá-lo, o novo antigo marido que estivera em tantos outros lugares. O amor brotando num cômodo apático, a vontade doida de experimentar o presente ... presente ainda?

Lina Cristiane de Albuquerque



Ana Cerqueira